

ÍNDICE

LIVRO I: UMA GUERRA DE PRODÍGIOS

<i>Um.</i> Azul-Celeste, Três Cetros, Um Chaveirão de Ouro	13
<i>Dois.</i> Estradas Romanas	19
<i>Três.</i> Um Jovem Cavaleiro	32
<i>Quatro.</i> Camelot	47
<i>Cinco.</i> A História de Sir Bedivere	59
<i>Seis.</i> A História de Sir Bedivere, Parte II	74
<i>Sete.</i> A Última Batalha	89
<i>Oito.</i> A História de Sir Bedivere, Parte III	102
<i>Nove.</i> O Cavaleiro Verde	119
<i>Dez.</i> Uma Nova Espada	134
<i>Onze.</i> A História de Sir Palomides	146

LIVRO II: UM DEUS DE AREIA E DE PÓ

<i>Doze.</i> A Noviça	165
<i>Treze.</i> A História de Sir Palomides, Parte II	183
<i>Catorze.</i> O Poço de Tinta	194
<i>Quinze.</i> O Castelo de Vidro	212
<i>Dezasseis.</i> A Batalha de Camelot	231
<i>Dezassete.</i> A História de Sir Dinadan	249
<i>Dezoito.</i> Um Xelim de Prata	270
<i>Dezanove.</i> O Leão no Deserto	285
<i>Vinte.</i> O Bastão Retorcido	305

<i>Vinte e um.</i> A História de Sir Dagonet e de Sir Constantino; ou a Demanda do Santo Graal; ou a Última Aventura	317
<i>Vinte e dois.</i> A História de Sir Dagonet e de Sir Constantino, Parte II	330
<i>Vinte e três.</i> A História de Sir Dagonet e de Sir Constantino, Parte III	342
LIVRO III: O GIGANTE CEGO	
<i>Vinte e quatro.</i> O Cavaleiro Índigo	355
<i>Vinte e cinco.</i> Milagres	368
<i>Vinte e seis.</i> A Terra Desolada	381
<i>Vinte e sete.</i> A Elevação Tumular	397
<i>Vinte e oito.</i> A História de Nimue	411
<i>Vinte e nove.</i> A Caçada Selvagem	435
<i>Trinta.</i> A Lança	459
<i>Trinta e um.</i> A História de Sir Cipião	477
LIVRO IV: A COSTA SAXÓNICA	
<i>Trinta e dois.</i> Galaad	497
<i>Trinta e três.</i> A Rainha	516
<i>Trinta e quatro.</i> O Sonho do Rei	524
<i>Trinta e cinco.</i> A Dama do Lago	548
<i>Trinta e seis.</i> O Ofício Noturno	566
<i>Trinta e sete.</i> Lancelote	588
<i>Trinta e oito.</i> Três Bruxas	607
<i>Trinta e nove.</i> Terra dos Anglos	611
<i>Quarenta.</i> Um Mundo Cintilante	624
Nota Histórica	627
Notas de Tradução	631

LIVRO I

UMA GUERRA
DE PRODÍGIOS

Estranhas mulheres deitadas em lagos
a distribuir espadas não pode ser base
para um sistema de governo.

— *Monty Python e o Santo Graal*



Um

AZUL-CELESTE, TRÊS CETROS,
UM CHAVEIRÃO DE OURO

Com a mão protegida pela manopla a segurar o punho da espada com tanta força que o metal escuro marchetado deixava concavidades sob os nós dos dedos, Collum deu com ele na cara do outro cavaleiro, mas o seu adversário não mostrou qualquer sinal de cair ou de se render. Praguejou em voz baixa e deu-lhe um pontapé no tornozelo, mas falhou e quase caiu; o outro cavaleiro rodopiou com graciosidade e bateu-lhe na cabeça com tanta força que os seus ouvidos zuniram. Teria dado mil libras para poder limpar o suor dos olhos, não que tivesse mil libras. Tinha exatamente três xelins e dois dinheiros de prata.

Os dois homens recuaram e descreveram círculos à volta um do outro, com as grandes espadas erguidas em ângulos rígidos, mudando de uma guarda para a seguinte, e com os pesados fragmentos de luz solar a cintilar e a refulgir nas lâminas. Tinham baixado os escudos depois da investida a fim de terem as duas mãos livres. Nada de erros agora, pensou Collum. *Círculos e não linhas retas*, sussurrou na sua mente o Marechal Aucassin. *Observa o corpo, não a espada*. Desferiu um corte em diagonal, que passou rente ao ombro do outro cavaleiro sem causar danos. O interior do seu elmo era uma fornalha e cheirava a feno, a suor e a couro cru. Tinha ido ali para se pôr à prova contra a fina flor da cavalaria britânica, os melhores cavaleiros

do mundo, e, por Deus, estava a conseguir o que queria. Estava a apanhar uma coça.

Pisavam com ligeireza, apalpando terreno, opondo resistência, em bicos dos pés. Os movimentos mais insignificantes faziam ranger e tilintar as armaduras no silêncio do prado; até as pontas das espadas produziam pequenos ruídos de *chicotadas* no ar sufocante. Porque pensara que aquilo era uma boa ideia? Porque não tinha ficado em Mull? O calor do Sol fazia arder a nuca de Collum. Não estavam a travar uma luta de morte, mas se ele fosse vencido, perderia o cavalo e a armadura; não se dera ao trabalho de a roubar a Lorde Alasdair só para a entregar a um cavaleiro anónimo que, provavelmente, tinha meia dúzia de outras no seu castelo acolhedor.

E sem o cavalo e a armadura, Collum não era nada nem ninguém. Um órfão e um bastardo, pobre como Job e muito longe de casa. E nunca poderia voltar. Tinha-se assegurado disso, não tinha?

Nem sequer sabia contra quem estava a lutar; tropeçara naquele homem por mero acaso, ou, possivelmente, por vontade de Deus — obrigadinho, como sempre —, sentado debaixo de um freixo contorcido num prado, com a cabeça entre as mãos, como se o peso da própria luz do Sol fosse demasiado para ele. O outro tinha erguido os olhos e gritado um desafio dirigido a Collum, e quem é que ainda fazia isso? Parecia algo saído das histórias. Quem quer que fosse, era um cavaleiro da velha escola.

A sua armadura também parecia antiquada, o peitoral era de aço preto, embutido com um motivo de finas espirais de prata e uma rosa no centro. A armadura de um homem rico. De um nobre. O elmo tinha uma extremidade pontiaguda, como um bico, e, tal como Collum, ostentava o *vergescu*, o escudo branco e liso de um cavaleiro inexperiente. Collum usava-o porque teoricamente — como tentara explicar — ainda não era um cavaleiro, ainda não fora ordenado, mas havia outras razões para usar o *vergescu*, por exemplo esconder a sua identidade se estivesse numa situação de desonra. Sir Lancelote usava-o por vezes, pois, se o não fizesse, ninguém lutaria com ele.

Aquele homem não era Lancelote, mas era muito bom. Perfeitamente apto. Collum era mais alto, mas o cavaleiro misterioso era

mais rápido — mal o viu mover-se quando *bang!*, sentiu o pulso dormente, e *ping!*, um pequeno grampo de fixação saltou da sua luva e desapareceu para sempre na erva. Avançou até ficar ao alcance de Collum e agarrou-lhe o pulso com a mão livre. Collum saltou para trás, ofegante como um fole, mas tropeçou, e o homem inseriu a lâmina no espaço onde a espaldeira não encaixava bem, cortando uma espiral acerada de aço brilhante.

Aproveitando a sua situação vantajosa, desferiu uma pancada com as costas da mão na cabeça de Collum, que falhou por pouco.

Ali estava. O ataque fez o cavaleiro rodar até um pouco longe de mais. Estava cansado, tinha-se empenhado demasiado ou, de qualquer forma, não conseguiu parar o movimento e isso fê-lo desequilibrar. O sangue de Collum irrompeu num coro marcial e, com as últimas forças que lhe restavam, avançou atrás do punho protegido pela manopla e BANG!, do lado do elmo do cavaleiro, e mais duas vezes, BANG! BANG! Sem mais delongas, encontrava-se nesse outro lugar, no qual se sentia como um deus de aço, sólido e resplandecente, ao qual nada poderia fazer frente, muito menos aquele desgraçado mole e vacilante que via diante de si! Recuperando o controlo da situação, infligiu com duas mãos um corte horizontal, alto e limpo, que fez girar a cabeça do cavaleiro, e Collum voltou a sentar-se na erva.

Sir Vergescu tentou erguer a espada, mas deixou-a cair de novo, como se bruxas lhe tivessem lançado uma maldição à arma e esta pesasse mil quilos. Collum curvou-se, ofegante, com as mãos nas ancas. O suor fazia-lhe arder os olhos, acumulava-se e pingava debaixo do queixo. Teria vencido? Seria mesmo o vencedor? O homem continuava sentado. Tinha vencido.

Ajoelhou-se, apoiado numa só perna, e pressionou a parte superior do elmo contra o guarda-mão da espada. Graças a Deus Todo-Poderoso no Céu! Obrigado, meu Deus, por teres concedido ao teu servo indigno esta maldita vitória magnífica! Tinha lutado contra um cavaleiro britânico num campo de feno britânico e saíra vencedor. Poderia manter a sua preciosa armadura, pelo menos de momento. Na escuridão do elmo, lágrimas pouco próprias de um cava-

leiro faziam-lhe arder os olhos. Algures dentro dele havia força, a força que sempre desejara, mas em que nunca acreditara. Não na realidade. Não verdadeiramente.

Ou haveria? Aquela vitória não teria sido fácil de mais? Collum afastou aquela ideia pouco atraente, fungou e voltou a pôr-se de pé.

— Combateu bem, senhor — disse. — Dá-se por vencido? — Collum pensava em gaélico, a língua do Norte, mas para a ocasião usava o latim mais cortês, mais correto, mais latino-romano de que era capaz.

O homem não respondeu. Aquela elmo com um bico de pássaro limitou-se a fitá-lo, sem reagir. Tinha um ar irónico e um pouco divertido.

Na verdade, agora que Collum dispunha de um segundo para refletir, a aparência do homem era mais estranha do que lhe parecera. A armadura ocultava-lhe o rosto, mas noutros aspetos dizia muito. Aquela bonita rosa prateada no peito estava arranhada e rabiscada; alguém lhe tinha batido com um prego ou com uma pedra afiada. No cimo do elmo do cavaleiro, onde se poderia ver o favor de uma dama, estava atado um ramo de erva seca.

Havia manchas de ferrugem na sua cota de malha, onde as placas da armadura se sobrepunham e retinham a humidade. O castelo acolhedor de Sir Vergescu ficava muito longe, se é que existia. Ele devia andar há muito tempo na estrada. Afinal, talvez não fosse assim tão diferente de Collum.

Tirou os guantes, com os dedos nus tateou as fivelas e os grampos na parte posterior da cabeça, tirou o elmo e deixou-o cair na erva. O mundo radioso explodiu sobre ele de todos os lados, ruidoso e verde-ácido. Esfregou o rosto vigorosamente com as duas mãos. O ar quente estival pareceu-lhe maravilhosamente fresco. O ímpeto da vitória estava agora a desvanecer-se, dando lugar ao calor, à fome e à sede. Sentia os joelhos fracos. Não comia há dois dias.

Esperava que o homem não estivesse ferido. Sentia-se ansioso por falar com ele. Ultrapassar o combate, conversar. Talvez ele soubesse como estavam as coisas em Camelot. Talvez até conhecesse Sir Bleoberys da Távola Redonda.

— Combateu bem, senhor — repetiu Collum. — Dá-se por vencido?

— Vai foder a tua mãe.

A voz do homem era rouca e fatigada. Algures, uma cotovia cantou: *lu-lu-lu-lu-lu tuit tuit tuit*.

— Desculpe?

— A tua mãe. — O latim dele era extraordinariamente requintado. Muito melhor do que o de Collum. — Vai fodê-la.

Afinal, talvez não fossem ter a tal conversa.

— Isso não é coisa que se diga, senhor. — Collum pigarreou. — Pergunto-lhe de novo: Agora dá-se por vencido?

— Bem, isso depende de já teres ou não fodido a tua mãe— retorquiu o homem.

Era evidente que estava zangado. Era humilhante perder com um cavaleiro inexperiente. Deus sabia que ele, Collum, não gostaria de perder consigo mesmo. Mas a ideia de lutar não tinha sido dele, pois não?

Talvez afinal o outro estivesse ferido. Talvez estivesse a sofrer. Collum estendeu a mão para o ajudar a levantar-se, e o cavaleiro misterioso estendeu a sua. Mas depois, rápido como um lagarto, agarrou no pulso de Collum e, com a outra mão, tirou um objeto fino e escuro de um estojo que tinha à cintura — uma misericórdia, uma faca comprida e fina, destinada a deslizar entre as placas de uma armadura — e tentou enterrá-la no baixo ventre de Collum. Por puro instinto, este rodou as ancas e recebeu o golpe com força no saiote de aço. Pegou na mão que empunhava a faca e, por um instante, ficaram tensos, um contra o outro, a tremer. O cavaleiro pontapeou os tornozelos de Collum e rolou para cima dele com todo o seu peso, fazendo-o perder a faca que empunhava. Santo Deus! Em pânico, Collum apanhou-a de novo, mesmo a tempo de evitar que o adversário o degolasse.

Passou o outro braço à volta dos ombros do homem, firmou-se nas ancas e fê-los girar de novo.

— Pelos pregos de Cristo, pare! — Ordenou numa voz histérica e vacilante. — Renda-se!

Collum procurou a sua própria faca e enfiou-a na fenda do elmo do cavaleiro. Este tremeu como um coelho caído numa armadilha e arranhou a cara de Collum, empurrando-o selvagememente com a pélvis. Depois tossiu uma vez e ficou imóvel.

O som estridente dos insetos assemelhava-se ao de sementes a chocalharem numa vagem seca. Colunas silenciosas de sol dourado do campo queimavam lentamente a erva-dos-prados, transformando-a em feno.

O cavaleiro estava estendido no chão como se tivesse caído de uma grande altura.

Jesus. Collum pôs-se de pé, a respirar com dificuldade. *Jesus de merda.* Tu, cavaleiro desleal. Até então, nunca tinha matado um homem. *Deus tenha piedade de nós os dois.*

O homem esperneou uma vez e depois imobilizou-se para sempre. A única parte dele que estava exposta era aquela mão pálida como um peixe, que tinha posto a descoberto para empunhar a misericórdia. Tinha manchas castanhas nas costas da mão, e algumas veias azuis e encordoadas. Sir Misericórdia já tinha ultrapassado os primórdios da juventude.

E agora estava morto. E para quê? Para nada. Um jogo, sem espectadores, num campo vazio.

E pensar que estavam apenas a um dia de viagem de Camelot, o sol que banhava toda a Grã-Bretanha com a luz dourada da cavalaria.

— Que Deus tenha piedade — murmurou Collum. Uma hora atrás, não era ninguém, depois era um herói, e agora era um assassino. Ficou ali parado durante muito tempo, não sabia quanto. Uma nuvem passou à frente do Sol. Os dois cavalos, o dele e o do cavaleiro morto, observavam-no com um olhar desinteressado, sob as longas pestanas.

Em seguida, ajoelhou-se e, com um arrepio, retirou a faca da órbita do homem. Caminhou até ao sítio onde o escudo do cavaleiro caído estava voltado ao contrário na erva emaranhada e virou-o com a ponta do pé. Ainda se distinguiu a cota de armas debaixo de uma camada apressada de tinta branca: Azul-Celeste, Três Cetros, um Chaveirão de Ouro.